

ENTRE VOZES: MULHERES DA UFMS EM DIÁLOGO

Eixo 2 – Formação e Desenvolvimento Profissional

Miriam Brum Arguelho³⁵

Mariana Gomes de Lima³⁶

Isabel Silva Rodrigues dos Santos³⁷

Resumo

Este artigo analisa a primeira etapa do projeto Entre Vozes: Escuta de Mulheres da UFMS, buscando compreender os processos formativos construídos na iniciação científica e no estágio de docência na Educação Superior. A análise considera estudos teóricos, curadoria de referenciais, elaboração colaborativa de roteiros, registros das atividades e o relato da bolsista de iniciação científica. Os feminismos orientam a centralidade das narrativas de mulheres da universidade, enquanto a educomunicação sustenta práticas de diálogo, participação e produção do programa em articulação com a comunicação pública universitária. A experiência evidencia percursos formativos distintos: na iniciação científica, a participação nas etapas da pesquisa favorece a aproximação da estudante com a produção do conhecimento; no estágio de docência, conhecimentos profissionais e acadêmicos são mobilizados diante das especificidades da Educação Superior. O Entre Vozes constitui espaço de encontro desses percursos e de escuta e circulação das narrativas de mulheres da universidade.

Palavras-chave: Formação pela pesquisa; Iniciação científica; Estágio de docência; Educomunicação; Comunicação pública.

Introdução

Os processos educativos não se restringem aos espaços escolares. Eles também se constituem nas múltiplas formas de produzir, compartilhar e atribuir sentidos à cultura. As universidades públicas reúnem uma diversidade de trajetórias, experiências e saberes produzidos por mulheres que atuam na pesquisa, na gestão, na docência, na comunicação e em diferentes espaços institucionais. Apesar de sua relevância, essas narrativas nem sempre alcançam visibilidade ou integram os processos de comunicação pública da universidade.

É nesse contexto que surge o Entre Vozes: Escuta de Mulheres da UFMS, projeto que articula educomunicação, feminismos e comunicação pública da universidade com o propósito de produzir uma série de episódios em formato de podcast dedicados à escuta dessas mulheres, valorizando suas trajetórias acadêmicas, profissionais e institucionais como parte da memória universitária e da produção coletiva do conhecimento. O projeto integra as ações do Laboratório Interdisciplinar de Estudos Culturais (LINDECult/CNPq) e está vinculado ao projeto de pesquisa Estudos Culturais, linguagens plurais e relações de poder: investigações interdisciplinares sobre saberes descoloniais, interculturalidade e marcadores sociais das diferenças, coordenado pelo professor Fabio da Silva Sousa (in memoriam), a cuja trajetória acadêmica este trabalho presta homenagem.

Embora o projeto esteja em desenvolvimento, sua primeira etapa reuniu experiências de formação pela pesquisa, envolvendo a iniciação científica e o estágio de docência, o que justifica a presente análise. Esse processo compreendeu a definição da proposta editorial, a revisão de literatura, a curadoria de referenciais teóricos, a elaboração colaborativa dos roteiros, a seleção das participantes

³⁵ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. miriam.arguelho@ufms.br.

³⁶ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. profmarianalima22@gmail.com.

³⁷ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. isabel_rodrigues@ufms.br.

e o diálogo institucional estabelecido com a Agência de Comunicação Social e Científica da UFMS (Agecom).

Essa interlocução ampliou as possibilidades inicialmente previstas para o projeto, orientando sua adaptação para o formato de um programa de comunicação pública da universidade.

Este artigo analisa a primeira etapa de desenvolvimento do Entre Vozes, compreendida entre os estudos teóricos, a construção colaborativa dos roteiros e a definição da proposta editorial do programa. Busca compreender como esse processo pode constituir um espaço de formação pela pesquisa, articulando iniciação científica, estágio de docência, produção colaborativa do conhecimento e autoria feminina. Nessa perspectiva, a educomunicação não é tomada como um recurso metodológico acessório, mas como fundamento da organização do trabalho, orientando práticas de diálogo, escuta, participação e produção compartilhada.

A opção por desenvolver um programa centrado nas narrativas de mulheres também possui caráter epistemológico. Historicamente, diferentes experiências femininas permanecem sub-representadas ou ocupam posição secundária na produção e circulação do conhecimento científico. Ao priorizar essas vozes, o projeto busca contribuir para a criação de espaços de participação e construção de processos comunicativos mais plurais, reconhecendo que a comunicação pública da universidade também se realiza pelo compartilhamento de histórias, experiências e saberes produzidos por seus diferentes sujeitos.

A análise organiza-se em três movimentos: inicialmente, discute os referenciais feministas e educacionais que orientam as escolhas do projeto; em seguida, analisa a experiência formativa construída na iniciação científica; por fim, aborda o estágio de docência na Educação Superior e suas aproximações com a comunicação e a produção midiática.

Feminismos e educomunicação: fundamentos da construção do Entre Vozes

Esta seção apresenta os referenciais que orientam as escolhas epistemológicas e comunicacionais do Entre Vozes. Os feminismos oferecem elementos para compreender a centralidade atribuída às experiências e narrativas das mulheres, enquanto a educomunicação contribui para pensar as formas pelas quais essas vozes são escutadas, colocadas em diálogo e inseridas em processos de produção e circulação do conhecimento. A aproximação entre essas perspectivas não pretende constituir-las como objeto central da investigação, mas situá-las como fundamentos das escolhas realizadas ao longo do projeto.

A concepção do Entre Vozes parte do entendimento de que produzir conhecimento e comunicar a ciência são processos atravessados por relações de poder. A escolha de colocar as mulheres no centro das narrativas não responde apenas ao interesse em ampliar sua visibilidade, mas constitui uma decisão epistemológica que reconhece suas experiências como produtoras de conhecimento e como parte da memória institucional da universidade. Nessa perspectiva, a escuta deixa de ser compreendida apenas como um procedimento de pesquisa ou de comunicação e passa a constituir um posicionamento ético e político diante da produção do conhecimento.

Essa compreensão dialoga com os feminismos contemporâneos, especialmente com autoras como bell hooks (2013), Lélia Gonzalez (2020), Kimberlé Crenshaw (2002) e Patricia Hill Collins (2019), cujas contribuições evidenciam que os processos de invisibilização das mulheres não podem ser compreendidos de forma homogênea. O conceito de interseccionalidade permite analisar como gênero, raça, classe, território e outras formas de diferenciação social atravessam as oportunidades de participação, reconhecimento e produção do conhecimento, produzindo desigualdades também no interior das instituições acadêmicas.

Ao propor a escuta de mulheres que atuam em diferentes espaços da universidade, o projeto não busca representar uma categoria feminina única ou universal. Ao contrário, procura reconhecer a pluralidade de trajetórias, saberes e experiências que constituem a vida universitária, compreendendo

que essas narrativas ampliam as possibilidades de interpretar a instituição e de fortalecer sua comunicação com a sociedade.

No contexto do Entre Vozes, a escuta assume uma dimensão ética, política e relacional. Não se trata apenas de registrar narrativas, mas de construir um espaço de diálogo no qual as participantes são reconhecidas como interlocutoras e produtoras de conhecimento. Essa compreensão aproxima a pesquisa das epistemologias feministas, que reconhecem as experiências vividas como parte da produção científica, e desloca a comunicação de uma lógica de transmissão para uma perspectiva baseada no diálogo, na participação e na construção compartilhada de sentidos.

É nesse ponto que os feminismos dialogam com a educomunicação, área situada na interface entre comunicação e educação e voltada à construção de práticas democráticas, dialógicas e participativas em diferentes espaços educativos.

Como afirma Soares (2013, p. 169),

Compreende-se a educomunicação como um paradigma na interface comunicação/educação que busca orientar e dar sustentação ao conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, assim como programas e produtos de comunicação [...] (Soares, 2013).

O diálogo entre comunicação e educação foi amplamente desenvolvido por Paulo Freire (2014), que compreende a prática educativa como um processo dialógico. Para o autor, a educação se concretiza na relação entre sujeitos que compartilham a palavra, o pensamento e a realidade, sendo a comunicação parte da produção coletiva do conhecimento.

Para Freire,

Nesta comunicação que se faz por meio de palavras, não pode ser rompida a relação pensamento-linguagem-contexto ou realidade. Não há pensamento que não esteja referido à realidade, direta ou indiretamente marcado por ela, do que resulta a linguagem que o exprime não pode estar isenta destas marcas. (Freire, 2014, p. 91).

No Brasil, o campo da Educomunicação ganhou sistematização acadêmica a partir das pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), especialmente pelos estudos coordenados por Ismar de Oliveira Soares. A aproximação entre educação e comunicação, entretanto, já vinha sendo construída por diferentes pesquisadores latino-americanos.

Entre eles, destaca-se Mário Kaplún, cuja produção atribui à comunicação um papel importante nos processos de educação popular. Ao defender práticas comunicativas participativas e problematizadoras, o autor compreende a comunicação como parte dos processos de aprendizagem e de transformação social, contribuindo para a consolidação desse debate na América Latina.

Essa compreensão é retomada por Soares (2013), ao definir a Educomunicação como um campo interdisciplinar voltado à qualificação dos processos comunicativos em contextos educativos. Em diálogo com Freire (2014), entende-se que a prática educomunicativa se constitui na reflexão, no diálogo e na construção coletiva de significados, aproximando comunicação e educação em um mesmo processo formativo.

É nesse horizonte que o Entre Vozes se insere. Ao colocar as narrativas femininas no centro da produção do programa, a proposta utiliza o podcast como espaço de diálogo, participação e autoria. A elaboração colaborativa dos roteiros, a construção coletiva das entrevistas e a definição compartilhada dos temas organizam a comunicação como processo de produção de conhecimento e não apenas como circulação de conteúdo.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, essa proposta foi apresentada à Agência de Comunicação Social e Científica da UFMS (Agecom), que reconheceu seu potencial educativo e sua contribuição para a comunicação pública da universidade. A partir desse diálogo, a equipe foi convidada a adaptar a proposta inicial para o formato de um programa da Rádio Educativa UFMS 99.9, ampliando as possibilidades de circulação das narrativas produzidas e sua inserção nos canais institucionais de comunicação.

A inserção do Entre Vozes na Rádio Educativa aproxima o projeto da comunicação pública universitária e cria outras possibilidades de circulação para as narrativas produzidas. A centralidade das vozes das mulheres, nesse contexto, orienta tanto o conteúdo dos episódios quanto as escolhas realizadas em sua elaboração.

Essa perspectiva repercute também na organização do trabalho entre as integrantes da equipe. A construção dos roteiros pressupõe leitura, discussão, negociação de sentidos e tomada de decisões sobre aquilo que será perguntado e sobre as condições de escuta das participantes. Desse modo, a dimensão educomunicativa não aparece apenas no produto que se pretende veicular, mas no próprio processo de sua elaboração. É nesse percurso que a produção do Entre Vozes passa a se relacionar diretamente com as experiências formativas analisadas nas seções seguintes.

Processos formativos na construção do Entre Vozes

A dimensão formativa do Entre Vozes pode ser compreendida também a partir da experiência vivida na iniciação científica, que envolveu diferentes etapas de estudo, curadoria e elaboração dos roteiros. A narrativa produzida ao longo desse processo evidencia como o ingresso na pesquisa foi acompanhado por uma aproximação gradual com a produção do conhecimento científico e com outras formas de atuação na universidade.

A análise desta dimensão formativa incorpora também o relato escrito produzido pela bolsista de iniciação científica sobre sua experiência no projeto. O registro reúne suas percepções sobre o ingresso na pesquisa, os estudos realizados, a participação nas reuniões de orientação e o processo de elaboração colaborativa dos roteiros. Ao longo desta seção, esses registros são mobilizados para compreender o percurso formativo a partir da perspectiva da própria estudante.

Os excertos apresentados a seguir foram extraídos do relato escrito produzido pela bolsista no âmbito da pesquisa, em 2026.

Quando ingressei na iniciação científica, imaginava que seria algo mais distante da minha realidade. Sempre enxerguei o PIBIC como um grande desafio e não sabia exatamente o que esperar dessa experiência. Com o passar do tempo, essa visão foi mudando. Percebi que a pesquisa é construída de forma gradual, com estudo, orientação, diálogo e dedicação. Participar do Entre Vozes ampliou meu olhar sobre a universidade e me mostrou que a produção do conhecimento pode acontecer de diferentes formas.

Essa aproximação com a pesquisa ocorreu por meio de leituras, reuniões de orientação, oficinas, discussões e participação na elaboração dos roteiros.

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto foram importantes para que eu compreendesse melhor como acontece o processo de pesquisa. Os textos estudados serviram de base para participar das discussões e da construção dos roteiros com mais segurança. Como foi minha primeira experiência em um projeto de iniciação científica, as orientações recebidas e as trocas realizadas durante todo o processo foram fundamentais.

A primeira etapa concentrou-se na leitura e na curadoria de materiais relacionados aos eixos temáticos previstos para o programa. Foram estudados artigos, matérias, vídeos e outros conteúdos sobre mulheres na gestão, mulheres na mídia, mulheres e o cuidado, mulheres na ciência e ecofeminismo. As leituras foram acompanhadas pela elaboração de fichamentos e registros dos principais conceitos e questões discutidos.

No eixo Mulheres na Gestão, por exemplo, o estudo sobre interseccionalidade possibilitou discutir como gênero, raça e classe atravessam as trajetórias de mulheres em posições de liderança. No eixo Mulheres na Mídia, as leituras abordaram misoginia nos ambientes digitais, educação midiática e a influência das plataformas na circulação das informações.

As discussões sobre mulheres e cuidado problematizaram a associação histórica entre as mulheres e as responsabilidades relacionadas ao cuidar, enquanto o estudo do ecofeminismo aproximou as desigualdades de gênero das discussões sobre natureza, trabalho e modos de vida. Essa curadoria orientou a definição dos temas e das questões posteriormente incorporadas aos roteiros.

O relato evidencia uma dimensão importante da iniciação científica: a aprendizagem da leitura acadêmica como prática orientada de pesquisa. O contato com os referenciais não ocorreu de forma isolada, mas acompanhado por orientações, discussões e pela possibilidade de relacionar os conceitos estudados às questões investigadas no projeto.

Para uma estudante em sua primeira experiência de iniciação científica, esse acompanhamento contribui para que a leitura deixe de ser apenas uma atividade de apropriação de conteúdos e passe a integrar um percurso de investigação, no qual se aprende a selecionar informações, estabelecer relações entre autores e problemas e mobilizar os estudos realizados nas decisões da pesquisa.

A passagem das leituras para a elaboração dos roteiros representou outro momento do processo formativo. A construção dos dois primeiros roteiros, dedicados aos temas Mulheres na Gestão e Mulheres na Mídia, ocorreu de forma colaborativa, por meio de reuniões e discussões da equipe. Nesse processo, os referenciais estudados foram mobilizados na formulação de perguntas que possibilitem às convidadas falar sobre suas trajetórias e experiências, mantendo relação com os objetivos do projeto.

Como era minha primeira experiência participando da produção de um podcast, tudo era novidade para mim. Foi nesse momento que comecei a perceber como aquilo que havíamos estudado poderia orientar a construção das perguntas e das conversas. As reuniões e as trocas realizadas durante o processo ajudaram a compreender que a elaboração do roteiro também faz parte da pesquisa.

Os roteiros foram organizados a partir de uma apresentação inicial do projeto e de blocos de perguntas voltados às trajetórias e aos temas específicos de cada episódio. A intenção foi construir uma conversa aberta às experiências das participantes, sem perder de vista os referenciais que orientaram a preparação do programa. Esse movimento permitiu aproximar estudo teórico, produção midiática e comunicação pública da universidade.

Nesse percurso, a orientação também cumpre a função de criar condições para uma autonomia que se constrói gradualmente. Os fichamentos, as conversas sobre os textos e a definição dos eixos temáticos oferecem referências para que a estudante avance da compreensão das leituras para sua utilização na pesquisa. Essa passagem pode ser observada quando conceitos discutidos nos estudos sobre interseccionalidade, mulheres na mídia, cuidado e ecofeminismo passam a orientar a formulação das perguntas dos episódios. A aprendizagem se realiza, portanto, no movimento entre ler, discutir, selecionar, relacionar e produzir.

A experiência também produziu mudanças na compreensão sobre o lugar da pesquisa na formação universitária:

Participar de um projeto que une pesquisa, educomunicação e protagonismo feminino me fez perceber que a pesquisa pode ir além dos textos acadêmicos. Compreendi que a universidade também pode criar espaços para compartilhar histórias, experiências e conhecimentos de maneiras diferentes. Foi uma experiência que me permitiu viver situações que ainda não havia experimentado durante a graduação.

A narrativa permite perceber uma mudança na forma como a estudante compreende a própria pesquisa. Se inicialmente a iniciação científica era percebida como uma atividade distante de sua experiência universitária, sua participação nas diferentes etapas do projeto possibilitou reconhecer a pesquisa como prática que envolve estudo, escolhas, interlocução e produção. Esse deslocamento interessa particularmente à análise porque indica que a formação científica não ocorre apenas pela apropriação de procedimentos de investigação, mas também pela possibilidade de ocupar uma posição mais ativa diante da produção do conhecimento. No Entre Vozes, essa participação se expressa na passagem da leitura para a elaboração das perguntas, na discussão dos temas e na construção compartilhada dos roteiros.

Até o momento analisado neste artigo, foram concluídos dois roteiros e iniciada a organização do programa para sua posterior produção. Ainda que se trate de uma etapa inicial, o percurso permite observar que a iniciação científica não se limitou ao cumprimento de atividades previstas em um plano de trabalho. A participação nas leituras, nas discussões e na construção dos roteiros possibilitou o contato com decisões teóricas, metodológicas e comunicacionais próprias do desenvolvimento de uma pesquisa.

Estágio de docência na Educação Superior: entre comunicação, formação e produção midiática

Esta seção desloca a análise da formação pela iniciação científica para outro momento do percurso: o estágio de docência na Educação Superior. Embora as duas experiências ocorram em posições formativas distintas, ambas participam da construção do Entre Vozes e permitem observar como pesquisa, docência e comunicação se encontram no desenvolvimento do projeto. No caso do estágio, interessa compreender especialmente como uma trajetória profissional já constituída na Educação Básica, na linguagem e na comunicação é mobilizada diante das demandas da docência universitária.

O estágio de docência na Educação Superior constitui outra dimensão formativa presente no percurso analisado. Realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação da UFMS, com carga horária de 40 horas, o estágio envolveu a participação em disciplinas de graduação, em diferentes cursos e modalidades de oferta. Na modalidade a distância, esteve vinculado à disciplina Educação, Mídias e Tecnologias. Presencialmente, compreendeu atividades nas disciplinas Políticas Educacionais, do curso de Artes Visuais, e Currículo e Educação, do curso de Pedagogia. O plano de estágio previa o acompanhamento das aulas, a mediação das práticas de aprendizagem, o apoio pedagógico aos estudantes e o desenvolvimento de atividades relacionadas aos conteúdos trabalhados.

A experiência possui características relacionadas à trajetória acadêmica e profissional da estagiária. Graduada em Letras e em Jornalismo, professora da Rede Estadual de Ensino e mestranda em Comunicação, ela chega ao estágio com experiências provenientes da docência, dos estudos da linguagem e da comunicação. O estágio não representa, portanto, uma iniciação à atividade docente, mas uma experiência de formação para a docência na Educação Superior, na qual conhecimentos construídos em diferentes momentos de sua trajetória são colocados em relação com o ensino, a pesquisa e a produção midiática.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Nóvoa (2017), para quem a formação de professores deve ser pensada como formação profissional, construída na relação com a profissão, com outros professores e com os espaços nos quais a docência se realiza. Ao discutir a formação docente,

o autor aproxima universidade, profissão e investigação e reconhece os professores como sujeitos de sua formação. Nessa perspectiva, a experiência profissional anterior não é deixada à margem do estágio, mas participa das formas pelas quais a docência é compreendida e exercida em outro contexto formativo.

No caso da Educação Superior, essa discussão assume contornos próprios. Cunha (2009) chama a atenção para os diferentes lugares de formação do professor universitário e para o papel ocupado pela pós-graduação nesse processo. A formação para a docência universitária envolve questões que não se confundem com a formação para a pesquisa, ainda que ambas se encontrem no espaço da pós-graduação. Essa relação permite compreender o estágio de docência como um dos espaços em que conhecimentos profissionais, pedagógicos e acadêmicos podem ser colocados em diálogo com situações concretas de ensino.

Durante o período do estágio, essa aproximação ocorreu em diferentes experiências de produção de podcasts com estudantes da graduação. Na disciplina Políticas Educacionais, do curso de Artes Visuais, foi realizada uma oficina de criação de roteiros e técnicas para produção de podcasts, vinculada ao projeto de extensão Tá na escola, tá na mídia – Educação digital e midiática na Educação Básica. A atividade envolveu discussão sobre produção sonora, elaboração de roteiros e uma visita aos estúdios da Rádio Educativa UFMS.

Nesse contexto foi lançado o Podiscutir, proposta voltada à produção de podcasts pelos estudantes.

Figura 1 – Oficina de roteiros de podcast



Fonte: Acervo das autoras (2026).

Figura 2 – Visita técnica à Rádio Educativa UFMS



Fonte: Acervo das autoras (2026).

No curso de Pedagogia, a participação ocorreu na disciplina Currículo e Educação, com a produção da série Tá na escola, tá na mídia. O trabalho envolveu a orientação e a revisão de mais de vinte roteiros elaborados pelos estudantes e resultou na gravação de 23 episódios. Além do acompanhamento da escrita e da produção, passou-se a discutir a criação de um fluxo para a circulação desses materiais no meio acadêmico, de modo que as produções realizadas no contexto da disciplina pudessem alcançar outros espaços da universidade.

As atividades realizadas nas disciplinas colocaram em relação planejamento, acompanhamento dos estudantes, orientação da escrita, elaboração de devolutivas e produção de conteúdos em diferentes linguagens. A formação em Letras e Jornalismo e a experiência profissional na Educação Básica atravessaram esse trabalho, especialmente nas situações em que conhecimentos da comunicação precisavam dialogar com os objetivos formativos das disciplinas e com as produções realizadas pelos estudantes.

A elaboração dos podcasts também colocou questões relacionadas à docência na Educação Superior. Produzir um roteiro implica selecionar conteúdos, organizar argumentos, considerar os interlocutores e decidir como determinado conhecimento será comunicado. Na orientação dos estudantes, essas decisões passaram a integrar o trabalho docente, aproximando produção acadêmica, linguagem, comunicação e mediação pedagógica.

A experiência de orientar a produção dos roteiros acrescenta uma dimensão importante ao estágio. A mestrandia não participa apenas da realização de uma oficina ou da apresentação de conhecimentos vinculados à sua formação em comunicação. Ao acompanhar as produções dos estudantes, ler os textos, propor ajustes e discutir as escolhas realizadas, assume atividades próprias do trabalho docente na Educação Superior. Nesse movimento, os conhecimentos trazidos do Jornalismo, das Letras e da Educação Básica são reorganizados diante de novas situações de ensino, ao mesmo tempo em que a experiência universitária produz outras questões sobre sua própria prática profissional.

As atividades ocorreram concomitantemente à construção do Entre Vozes. A participação na elaboração dos roteiros do programa se desenvolveu, portanto, em um período no qual a estagiária acompanhava experiências de produção de podcasts na graduação, orientava a escrita de roteiros e participava das discussões sobre sua circulação. No Entre Vozes, esses conhecimentos passam a dialogar com a pesquisa de iniciação científica e com a construção de um programa dedicado à escuta das mulheres da universidade.

Essa simultaneidade permite observar dois processos formativos que ocupam lugares distintos no desenvolvimento do projeto. Na iniciação científica, a estudante de graduação aproxima-se da pesquisa por meio das leituras, da curadoria, das discussões e da elaboração dos roteiros. No estágio de docência na Educação Superior, a mestrandia participa da mediação das aprendizagens, da orientação das produções e das decisões relacionadas à comunicação dos conhecimentos produzidos pelos estudantes. Os dois percursos se encontram na construção do Entre Vozes, colocando em diálogo pesquisa, docência e comunicação.

Considerações Finais

Este artigo analisou a primeira etapa de desenvolvimento do Entre Vozes, concentrando-se no percurso construído entre os estudos teóricos, a curadoria dos referenciais, a elaboração colaborativa dos roteiros e a definição da proposta editorial do programa. Mais do que descrever esse processo, buscou compreender seu potencial formativo para os diferentes sujeitos envolvidos na pesquisa.

A experiência evidencia dois movimentos formativos distintos. Na iniciação científica, a participação nas leituras, discussões, decisões e elaboração dos roteiros favoreceu uma aproximação gradual com a pesquisa e com a produção do conhecimento. No estágio de docência, a atuação nas

disciplinas de graduação colocou conhecimentos construídos na Educação Básica, nas Letras e no Jornalismo em relação com as especificidades da docência na Educação Superior.

Ao colocar as narrativas de mulheres da universidade no centro da proposta, o Entre Vozes também amplia os espaços de circulação de conhecimentos produzidos por essas mulheres, reconhecendo suas trajetórias como parte da memória institucional e da comunicação pública da universidade.

Nesse percurso, feminismos, educomunicação e produção de podcasts não constituem o objeto central da investigação, mas os referenciais e as mediações que orientam a construção do projeto. São eles que sustentam as escolhas epistemológicas, metodológicas e comunicacionais realizadas pela equipe, possibilitando a articulação entre pesquisa, formação e comunicação.

Considerados em conjunto, os dois percursos mostram movimentos formativos diferentes. Para a bolsista, o projeto representa a entrada em uma experiência sistemática de pesquisa e a possibilidade de reconhecer-se como participante da produção do conhecimento. Para a mestranda, o estágio coloca uma trajetória profissional já construída diante das especificidades da docência na Educação Superior. O encontro dessas experiências no Entre Vozes evidencia uma formação que não se organiza de maneira linear, mas se produz nas relações entre sujeitos que ocupam diferentes lugares na universidade e compartilham responsabilidades na construção do projeto.

Por tratar-se de uma pesquisa em desenvolvimento, este artigo analisa apenas sua primeira etapa. A produção, veiculação e recepção dos programas constituirão novos momentos da investigação, permitindo ampliar a compreensão sobre as contribuições do Entre Vozes para a formação pela pesquisa e para a comunicação pública da universidade.

Referências

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. O lugar da formação do professor universitário: o espaço da pós-graduação em educação em questão. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 81-90, jan./abr. 2009. DOI: 10.7213/rde.v9i26.3664.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 2002. p. 199.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. DOI: 10.1590/198053144843.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. *In*: LIMA, João Cláudio Garcia Rodrigues; MELO, José Marques de (org.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil 2012/2013**: memória. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM/SOCICOM), 2013. v. 4, p. 169-202.